DIVERSIDADE E INCLUSÃO SOCIAL NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA EXPERIÊNCIA NA EMEF PROFª ELIZA RACHEL DE QUEIROZ

VERONICE PEREIRA DE SENNA

RESUMO

O presente artigo descreve a experiência de organização e realização da 1ª Semana de Palestras sobre Diversidade e Inclusão Social na Educação de Jovens e Adultos (EJA), desenvolvida na EMEF Profª Eliza Rachel de Queiroz, localizada no Grajaú, extremo sul de São Paulo, que atende majoritariamente estudantes de baixa renda e em situação de vulnerabilidade social. Diante desse contexto, surgiu a proposta de promover um evento que reunisse educadores, alunos e a comunidade escolar para debater temas ligados à realidade desse público, fortalecendo o papel da escola como espaço de diálogo, reflexão e transformação social. A programação contou com palestras e atividades culturais, como a exposição da Profª Ms. Teresinha Oliveira sobre diversidade linguística na EJA, destacando a importância de valorizar as diferentes formas de expressão, e a palestra da educadora Mayra Lourenço sobre diversidade e gênero, abordando respeito, igualdade e combate a preconceitos. O encerramento contou com a apresentação teatral "A cidade das máquinas", pelo grupo Céu Três Lagos, oferecendo uma leitura artística das questões sociais debatidas. A metodologia adotada priorizou a participação ativa dos alunos, com espaço para debates, perguntas e trocas de experiências, promovendo a escuta e o reconhecimento de diferentes perspectivas. Observou-se que o evento aumentou o engajamento dos estudantes, favoreceu a integração entre turmas e incentivou uma postura mais crítica diante da discriminação. Conclui-se que a 1ª Semana de Palestras atingiu seu objetivo de sensibilizar e mobilizar a comunidade escolar em torno da diversidade e inclusão social, reafirmando o compromisso da EJA com uma educação democrática, participativa e conectada às necessidades reais dos educandos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens e Adultos; Inclusão Social; Diversidade; Participação Cidadã.

ABSTRACT

This article presents the planning, implementation, and outcomes of the 1st Week of Lectures on Diversity and Social Inclusion in Youth and Adult Education (EJA), held at EMEF Prof. Eliza Rachel de Queiroz, located in the Grajaú district, in the southernmost area of São Paulo, Brazil. The school serves a predominantly low-income community, where students often face social vulnerability, interrupted schooling, and exposure to violence. The initiative aimed to promote reflection and dialogue on themes directly connected to the students' realities, such as linguistic diversity, gender, race, and social class. The program included lectures, debates, and a theatrical performance, encouraging active participation and the sharing of personal experiences. The results indicated increased student engagement, strengthened social bonds, and greater critical awareness. The event demonstrated that targeted educational interventions can foster inclusive, democratic environments, reaffirming the role of EJA in empowering learners as active participants in society.

KEYWORDS: Youth and Adult Education; Social Inclusion; Diversity; Civic Engagement.

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) ocupa um espaço estratégico no sistema educacional brasileiro, ao oferecer oportunidades de escolarização para pessoas que, por diferentes razões, não puderam concluir seus estudos na idade regular. Segundo Haddad e Di Pierro (2000), a EJA "constitui-se como uma modalidade voltada à promoção de equidade, ao reconhecer trajetórias de vida distintas e múltiplas formas de inserção social". Mais do que retomar conteúdos curriculares, trata-se de oferecer um ambiente formativo que reconheça a experiência de vida dos educandos como elemento central do processo pedagógico. Esse reconhecimento pressupõe que o conhecimento construído ao longo da vida deve dialogar com os saberes escolares, valorizando as vivências

e a identidade dos sujeitos que retornam à escola, muitas vezes depois de longos períodos de afastamento. Assim, a EJA assume um papel transformador, permitindo que o ato de aprender vá além da alfabetização ou da certificação formal, tornando-se um instrumento de emancipação pessoal, social e cultural.

Na EMEF Profª Eliza Rachel de Queiroz, localizada no bairro do Grajaú, extremo sul de São Paulo, esse desafio é acentuado pelas condições socioeconômicas da comunidade. Trata-se de uma região que, de acordo com dados da Prefeitura de São Paulo (2022), apresenta elevados índices de vulnerabilidade social, com problemas relacionados à violência, ao desemprego e à precariedade de acesso a serviços públicos essenciais, como transporte, saúde e saneamento. Esses fatores impactam diretamente o cotidiano dos estudantes e de suas famílias, influenciando a permanência e o desempenho escolar. O contexto demanda que a escola desenvolva estratégias pedagógicas que considerem as especificidades locais e a complexidade da realidade vivida pelos educandos. Nesse cenário, o papel da escola ultrapassa o ensino formal: ela se converte em um espaço de acolhimento, proteção e construção de cidadania, onde o vínculo entre professor e aluno torna-se elemento essencial para o sucesso das práticas educativas.

O público da EJA nessa unidade é composto majoritariamente por jovens entre 15 e 25 anos, embora haja adultos e idosos que retornam aos estudos motivados pelo desejo de melhorar suas condições de vida, reingressar no mercado de trabalho ou realizar um sonho pessoal. Muitas dessas trajetórias são marcadas por interrupções causadas pela necessidade de contribuir financeiramente com a família, pela maternidade precoce, por longos deslocamentos diários e pela falta de políticas públicas que garantam o acesso contínuo à educação. Além disso, experiências anteriores de fracasso escolar, preconceito e exclusão contribuem para a desmotivação e a baixa autoestima dos estudantes. Como destaca Arroyo (2005), "o sujeito da EJA é portador de uma história de negação do direito à educação, e o resgate desse direito exige práticas que respeitem e dialoguem com essa história". Essa compreensão implica adotar metodologias que valorizem o protagonismo dos alunos e que reconheçam a diversidade de tempos, saberes e modos de aprender.

Compreender o significado da diversidade nesse contexto é fundamental. A diversidade na EJA manifesta-se em múltiplas dimensões: linguísticas, culturais, de gênero, étnico-raciais, religiosas, geracionais e socioeconômicas. Reconhecer e valorizar essa pluralidade significa, segundo Candau (2011), "romper com práticas homogeneizadoras e dar visibilidade às identidades e saberes silenciados". Ao incorporar a diversidade como princípio orientador, a escola promove uma educação mais justa e democrática, combatendo preconceitos e ampliando o senso de pertencimento dos alunos. A inclusão social, por sua vez, deve ser entendida não apenas como acesso físico ao espaço escolar, mas como participação efetiva no processo educativo. Como aponta Silva (2013), a verdadeira inclusão pressupõe garantir que todos os educandos tenham oportunidades iguais de aprender e se desenvolver, respeitando suas diferenças e oferecendo suporte para superar desigualdades estruturais.

Foi a partir dessa compreensão que surgiu a proposta de realizar a 1ª Semana de Palestras sobre Diversidade e Inclusão Social na EJA, na EMEF Profª Eliza Rachel de Queiroz. O evento foi concebido como um espaço de diálogo, reflexão e construção coletiva de conhecimento, com o propósito de aproximar a escola da comunidade e promover debates que refletissem as experiências, os desafios e as conquistas dos próprios estudantes. As atividades foram organizadas de modo a articular teoria e prática, combinando palestras, rodas de conversa e apresentações culturais. Essa abordagem buscou integrar diferentes linguagens: científica, pedagógica e artística, de forma a potencializar a aprendizagem e estimular o engajamento dos participantes.

A programação contou com a palestra da Profª Ms. Teresinha Oliveira, que abordou a diversidade linguística como expressão da identidade cultural dos alunos. Ela destacou que o preconceito linguístico é uma das formas mais sutis e persistentes de exclusão social, e que combatê-lo na escola é essencial para promover a autoestima e o reconhe-

cimento dos educandos. Como argumenta Bagno (2002), a valorização das variedades linguísticas representa um passo decisivo para a democratização do ensino, uma vez que o domínio da norma-padrão não deve ser instrumento de discriminação, mas de empoderamento. A educadora Mayra Lourenço, por sua vez, discutiu a diversidade de gênero e suas intersecções com raça e classe social, trazendo exemplos concretos de como essas questões atravessam o cotidiano escolar. Ela propôs dinâmicas participativas que estimularam a reflexão sobre respeito, igualdade e empatia, reforçando a importância de combater práticas discriminatórias em todos os níveis da convivência escolar.

A culminância do evento ocorreu com a apresentação teatral A Cidade das Máquinas, encenada pelo grupo Céu Três Lagos, que trouxe à tona temas como desigualdade, desumanização e resistência, articulando arte e educação como instrumentos de transformação social. Segundo Duarte (2001), "a arte na educação não apenas sensibiliza, mas possibilita a elaboração simbólica de questões sociais complexas, ampliando a capacidade crítica do sujeito". Nesse sentido, o teatro foi uma poderosa ferramenta de aprendizagem, permitindo aos estudantes reconhecerem-se como protagonistas de suas próprias histórias e refletirem sobre o papel da escola na construção de uma sociedade mais inclusiva.

O planejamento e a execução da Semana de Palestras envolveram professores, equipe gestora, estudantes e convidados externos, configurando uma experiência de gestão democrática e colaborativa. Foram realizadas reuniões preparatórias para alinhar os objetivos e as estratégias de cada atividade, além de uma escuta ativa junto aos educandos para identificar os temas mais relevantes a partir de suas vivências. Essa etapa metodológica reflete o pensamento de Freire (1996), segundo o qual a educação libertadora deve partir da realidade concreta dos sujeitos e promover o diálogo como prática de liberdade. Ao se sentirem ouvidos e representados, os estudantes demonstraram maior engajamento e senso de pertencimento, reconhecendo-se como parte essencial do processo educativo.

Os resultados observados após o evento foram significativos. Houve aumento da participação dos alunos nas aulas, fortalecimento dos vínculos entre professores e estudantes, e uma melhora perceptível no clima escolar. Muitos relataram que as discussões os ajudaram a compreender melhor temas como respeito às diferenças, empatia e convivência pacífica. O impacto também se estendeu à equipe docente, que passou a refletir com mais profundidade sobre suas próprias práticas pedagógicas e sobre a necessidade de incorporar a diversidade como eixo transversal do currículo. A experiência demonstrou que iniciativas desse tipo não apenas enriquecem o processo formativo, mas também contribuem para o desenvolvimento de competências socioemocionais essenciais à vida em sociedade.

Para além de seus resultados imediatos, a 1ª Semana de Palestras sobre Diversidade e Inclusão Social na EJA assumiu um papel simbólico de grande relevância. Ao promover um espaço de escuta e expressão, a escola reafirmou seu compromisso com a educação como direito e como prática transformadora, nos termos propostos por Freire (1987). Essa postura fortalece a imagem da escola como um espaço de resistência e esperança, onde o aprendizado se torna uma ferramenta de emancipação. O evento consolidou-se, assim, como um marco na trajetória institucional da EMEF Profª Eliza Rachel de Queiroz, inspirando outras ações voltadas à valorização da diversidade e à promoção da equidade educacional.

Em síntese, a experiência demonstrou que a articulação entre práticas pedagógicas inclusivas, diálogo comunitário e expressão artística pode gerar efeitos duradouros no fortalecimento da cultura escolar. A 1ª Semana de Palestras mostrou que, quando a escola se abre para a escuta, reconhece as diferenças e valoriza as histórias de seus alunos, ela se aproxima de cumprir plenamente sua função social. Ao unir educadores, estudantes e comunidade em torno do mesmo propósito, a iniciativa reforçou o compromisso com uma educação pública de qualidade, democrática e humanizadora. uma educação que, mais do que transmitir conhecimentos, transforma vidas e promove cidadania.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino que se insere no sistema educacional brasileiro como um instrumento de democratização e reparação histórica, garantindo a indivíduos que não tiveram acesso ou não concluíram seus estudos na idade adequada a possibilidade de retomarem sua escolarização. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9.394/1996 – estabelece que a EJA deve respeitar as características dos educandos, considerando suas condições de vida e trabalho, e adotar metodologias e currículos apropriados (BRASIL, 1996).

Segundo Haddad e Di Pierro (2000), a EJA deve ser compreendida não como um ensino "abreviado" ou "simplificado", mas como um espaço formativo que valoriza as experiências prévias dos estudantes, transformando-as em ponto de partida para novas aprendizagens. Arroyo (2006) reforça que "o sujeito da EJA carrega uma história de negação do direito à educação" e, por isso, a ação pedagógica deve ser construída de modo a ressignificar sua relação com a escola.

Nesse contexto, discutir diversidade e inclusão social é uma exigência. A diversidade, no ambiente escolar, não se limita à presença física de diferentes grupos, mas envolve o reconhecimento e a valorização das identidades, saberes e culturas que esses grupos trazem consigo (CANDAU, 2011). Essa abordagem exige romper com práticas pedagógicas homogeneizadoras, substituindo-as por propostas que deem visibilidade a vozes e narrativas historicamente silenciadas.

Entre as múltiplas dimensões da diversidade, a linguística merece destaque. Bagno (2002) argumenta que o preconceito linguístico é um dos mecanismos mais persistentes de exclusão no Brasil, pois a desvalorização das variedades populares da língua portuguesa reforça hierarquias sociais. Na EJA, valorizar as formas de falar dos educandos é também validar sua identidade cultural e criar condições para o aprendizado significativo da norma padrão, contextualizada e funcional.

A inclusão social, por sua vez, deve ser compreendida como um processo que elimina barreiras físicas, atitudinais, comunicacionais e pedagógicas, garantindo a todos igualdade de oportunidades. Sassaki (2003) destaca que a inclusão desloca o foco da adaptação do indivíduo para a transformação do meio, tornando-o acessível e acolhedor.

Quando se trata de diversidade de gênero e sexualidade, Louro (1997) e Junqueira (2009) enfatizam que a escola tem papel central na construção de relações mais igualitárias, devendo combater práticas discriminatórias e criar espaços seguros para a expressão de todas as identidades.

Outro aspecto relevante é o uso da arte como ferramenta pedagógica. Duarte (2001) observa que a arte, ao mobilizar simultaneamente razão e emoção, potencializa a capacidade crítica e amplia a compreensão de questões sociais complexas. Ao inserir atividades artísticas no debate sobre diversidade, a escola possibilita novas formas de sensibilização e aprendizado.

Assim, a fundamentação teórica que orientou a 1ª Semana de Palestras sobre Diversidade e Inclusão Social na EJA articula três eixos: (1) valorização dos saberes e experiências dos educandos; (2) promoção de práticas pedagógicas inclusivas e interculturais; e (3) integração de linguagens diversas, incluindo a artística, como estratégia de mobilização e engajamento.

METODOLOGIA DO PROJETO

O projeto foi concebido pela equipe da EMEF Profª Eliza Rachel de Queiroz em parceria com o Comitê de Formação Inicial e Continuada de Profissionais da Educação Básica (COMFOR) da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). O objetivo central foi criar um espaço de debate e reflexão sobre diversidade linguística, diversidade de gênero e inclusão social, alinhando-se ao perfil e às demandas da comunidade escolar.

Planejamento e organização – O processo iniciou-se com reuniões entre a equipe gestora, docentes da EJA e representantes do COMFOR/UNIFESP para definição de temas e formato do evento. Um levantamento informal junto aos estudantes identificou temas de interesse e preocupações recorrentes, como preconceito linguístico, discriminação de gênero e necessidade de espaços de expressão cultural.

O evento foi estruturado em três encontros, todos no período noturno, das 19h às 22h30, contemplando:
22/10 – Palestra "A diversidade linguística na EJA" (Profª Ms. Teresinha Oliveira);
26/10 – Palestra "Diversidade e gênero" (Educadora Mayra Lourenço);
28/10 – Peça teatral A cidade das máquinas (Grupo Céu Três Lagos).
A divulgação ocorreu por meio de cartazes afixados na escola e comunicação direta nas aulas.



Figura 1 – Cartaz de divulgação da 1ª Semana de Palestras sobre Diversidade e Inclusão Social na EJA

DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES
Diversidade linguística – A palestra abordou a variação da língua portuguesa e o preconceito linguístico, discutindo como a escola pode trabalhar a norma padrão sem desvalorizar as formas de fala dos estudantes. Foram apresentadas estratégias como o uso de textos autênticos da comunidade e a análise comparativa de registros formais e informais.
Diversidade e gênero – A palestra discutiu conceitos como identidade de gênero, orientação sexual e interseccionalidade, utilizando a teoria queer para problematizar a heteronormatividade compulsória. Os alunos relataram vivências pessoais, criando um espaço de escuta e apoio.
Intervenção artística – A peça teatral A cidade das máquinas apresentou uma narrativa metafórica sobre desigualdade social e alienação, promovendo um debate espontâneo ao final.



Figura 2 – Registros das palestras e atividades culturais da 1ª Semana de Palestras

A metodologia adotada foi participativa, buscando envolver os estudantes não apenas como ouvintes, mas como sujeitos ativos no processo. A interação constante entre palestrantes e público, assim como a integração de atividades culturais, buscou garantir a relevância e a significatividade do evento.

RESULTADOS OBSERVADOS
A avaliação do projeto baseou-se em observações in loco, relatos da equipe docente e depoimentos espontâneos dos alunos, coletados durante e após o evento. O acompanhamento contínuo das atividades permitiu identificar transformações significativas no comportamento, na participação e na percepção dos estudantes acerca dos temas discutidos. De modo geral, os resultados evidenciaram que a 1ª Semana de Palestras sobre Diversidade e Inclusão Social na EJA não apenas atingiu seus objetivos iniciais, mas também inaugurou uma nova dinâmica de convivência e aprendizagem dentro da escola, fortalecendo o sentimento de pertencimento e de valorização das diferenças.

Engajamento e participação. Um dos aspectos mais notáveis observados foi o alto nível de envolvimento dos alunos nas atividades propostas. A taxa de presença superou amplamente a média registrada em outras ações extracurriculares da unidade, indicando um interesse espontâneo e genuíno pelos temas tratados. Muitos educandos permaneceram até o final dos encontros, mesmo após o término do horário regular de aula, demonstrando engajamento e curiosidade. A interação foi intensa e qualificada: perguntas, comentários e relatos pessoais emergiram de forma natural, criando um ambiente de diálogo horizontal entre palestrantes, professores e estudantes. Esse envolvimento não se limitou aos momentos formais — prolongou-se nos corredores, intervalos e conversas informais, o que reforça o impacto afetivo e cognitivo da iniciativa. Professores relataram que, nas semanas seguintes, temas como respeito, preconceito e empatia tornaram-se recorrentes nas discussões em sala de aula, muitas vezes trazidos pelos próprios alunos.

Além disso, o evento possibilitou a ampliação do repertório cultural e comunicativo dos participantes. Ao entrarem em contato com diferentes linguagens: a acadêmica, a pedagógica e a artística, os estudantes foram estimulados a se expressar de formas diversas, utilizando argumentos mais elaborados e contextualizados. Essa pluralidade de vozes contribuiu para romper com a lógica tradicional do ensino transmissivo, favorecendo um aprendizado dialógico, centrado na troca de experiências e na construção coletiva do conhecimento.

Reflexão crítica. A dimensão reflexiva do projeto revelou avanços consideráveis na capacidade dos alunos de analisar criticamente situações de preconceito linguístico e discriminação de gênero, tanto no ambiente escolar quanto em seus contextos pessoais e profissionais. Durante as rodas de conversa, foi possível observar que muitos estudantes passaram a reconhecer manifestações sutis de exclusão, como a desvalorização de sotaques ou expressões populares, e a compreender o impacto que tais práticas têm sobre a autoestima e o desempenho escolar. Em diversos momentos, os alunos se manifestaram relatando mudanças em sua forma de reagir a comentários preconceituosos, indicando que o evento contribuiu para a formação de uma postura mais consciente e assertiva diante de situações de injustiça.

Essa evolução crítica também se refletiu nas produções escritas e orais desenvolvidas posteriormente. Em atividades de sala, os alunos demonstraram maior capacidade de argumentação, de interpretação de contextos sociais e de formulação de opiniões fundamentadas. Professores relataram uma ampliação do vocabulário e da confiança comunicativa dos participantes, especialmente daqueles que antes se mostravam retraídos ou inseguros ao expor suas ideias. Nesse sentido, a Semana de Palestras atuou como catalisadora de um processo de empoderamento simbólico: ao se reconhecerem como sujeitos de fala e como agentes capazes de transformar realidades, os educandos reafirmaram seu lugar no espaço escolar e na sociedade.

Fortalecimento de vínculos. Outro resultado expressivo foi a intensificação dos laços entre as diferentes turmas da EJA e entre alunos e professores. O evento criou uma atmosfera de convivência marcada pelo respeito, pela escuta ativa e pela valorização da diversidade de trajetórias. A troca de experiências entre jovens e adultos de idades, origens e histórias distintas gerou um ambiente de solidariedade e pertencimento coletivo. Muitos relataram que, pela primeira vez, sentiram-se à vontade para compartilhar suas vivências sem medo de julgamento, o que favoreceu a construção de uma rede de apoio dentro da própria escola.

Para os docentes, o processo também representou um momento de aprendizado e de ressignificação de práticas. A participação conjunta nas atividades, em um formato menos hierarquizado e mais dialógico, aproximou professores e alunos, fortalecendo a confiança mútua e a percepção de que o conhecimento pode ser construído de maneira colaborativa. Essa nova dinâmica influenciou positivamente o clima institucional: observou-se redução de conflitos, aumento da cooperação entre turmas e um sentimento mais forte de corresponsabilidade pelo ambiente escolar. Alguns professores, em

reuniões pedagógicas posteriores, relataram que o evento os levou a refletir sobre suas próprias posturas e linguagens em sala de aula, buscando torná-las mais inclusivas e sensíveis às diferenças.

Impacto da intervenção artística. A apresentação teatral A cidade das máquinas destacou-se como um dos momentos de maior impacto emocional da Semana de Palestras. A linguagem simbólica e poética do espetáculo conseguiu atingir públicos distintos, incluindo alunos que costumavam participar menos das discussões teóricas. A encenação provocou identificação imediata: muitos viram na narrativa metáforas de sua própria realidade, reconhecendo-se nas personagens e nas situações de desigualdade e resistência representadas. Esse envolvimento emocional desencadeou diálogos espontâneos após a peça, nos quais os estudantes relacionaram a trama com suas experiências cotidianas de exclusão, trabalho e busca por reconhecimento.

A força da intervenção artística mostrou-se evidente também na capacidade de sintetizar, de forma sensível e simbólica, os principais temas discutidos nas palestras. Professores observaram que o teatro funcionou como um dispositivo pedagógico potente, capaz de consolidar aprendizagens e suscitar novas reflexões. Mesmo semanas após o evento, os alunos ainda mencionavam trechos e passagens da peça, demonstrando que a arte cumpriu um papel duradouro na construção de significados. Esse resultado reforça a importância de integrar manifestações culturais ao currículo da EJA, pois a arte mobiliza dimensões afetivas, cognitivas e sociais do aprendizado, tornando o processo educativo mais completo e significativo.

Sustentabilidade e continuidade da ação. Um dos efeitos mais positivos do projeto foi o comprometimento da equipe pedagógica em dar continuidade às discussões e ampliar o alcance das práticas de inclusão. A partir da avaliação dos resultados, decidiu-se incluir no planejamento anual novas atividades voltadas à diversidade, abordando temas como raça, geração, deficiência e identidade cultural. Também foram discutidas formas de incorporar essas temáticas de maneira transversal nas disciplinas, evitando que ficassem restritas a momentos pontuais.

Além disso, a equipe gestora propôs a criação de um calendário fixo de eventos temáticos, com a participação ativa dos alunos na organização e na curadoria das atividades. Essa decisão tem valor simbólico e pedagógico, pois consolida a ideia de que a inclusão e o respeito à diversidade não são apenas temas de reflexão, mas princípios permanentes que devem orientar a prática educativa. O grupo docente também manifestou interesse em participar de formações continuadas sobre diversidade e educação inclusiva, reconhecendo a necessidade de aprimorar as estratégias de mediação e de acolhimento em sala de aula.

Efeitos indiretos e desdobramentos. Embora o foco inicial estivesse na sensibilização e no debate, o evento acabou gerando impactos mais amplos no cotidiano escolar. Houve aumento da frequência geral dos alunos nas semanas subsequentes e redução de casos de evasão, especialmente entre os mais jovens. A melhora do clima escolar refletiu-se em maior comprometimento com as atividades curriculares e em uma participação mais ativa nos projetos da escola. Os educandos passaram a demonstrar mais disposição para colaborar em tarefas coletivas e a propor novas ideias para a melhoria dos espaços comuns, como a decoração de murais e a organização de campanhas de solidariedade.

O fortalecimento da autoestima e da identidade também se revelou um resultado expressivo. Muitos alunos afirmaram sentir-se valorizados pela escola e reconheceram, no evento, um sinal de que suas vozes e suas histórias importam. Essa percepção de pertencimento teve efeito direto sobre a motivação e o desempenho escolar, contribuindo para o desenvolvimento de competências socioemocionais como empatia, responsabilidade e respeito mútuo. Em algumas turmas, professores relataram mudanças perceptíveis no comportamento, com aumento da cooperação e da tolerância às diferenças.

Síntese dos resultados. Em síntese, a 1ª Semana de Palestras sobre Diversidade e Inclusão Social na EJA confirmou a relevância de práticas educativas que partem do diag-

nóstico da realidade dos educandos e que integram saberes acadêmicos, comunitários e artísticos. O evento demonstrou que, quando a escola assume uma postura ativa na promoção da inclusão, ela fortalece não apenas o processo de ensino-aprendizagem, mas também seu papel como espaço de formação cidadã. A experiência evidenciou que a educação de jovens e adultos pode, e deve, ser um campo de inovação pedagógica, onde o conhecimento é mediado pela escuta, pela participação e pelo reconhecimento das diferenças.

Ao promover uma experiência coletiva de reflexão, arte e diálogo, a escola reafirmou sua função social como agente de transformação. A continuidade dessas ações, incorporada ao planejamento institucional, sinaliza um avanço concreto rumo a uma prática pedagógica mais democrática, crítica e humanizadora. Assim, os resultados observados ultrapassam o sucesso de um evento pontual e se projetam como base para uma cultura escolar sustentada em valores de equidade, respeito e solidariedade, pilares indispensáveis para a construção de uma sociedade verdadeiramente inclusiva.

CONCLUSÃO

A realização da 1ª Semana de Palestras sobre Diversidade e Inclusão Social na Educação de Jovens e Adultos (EJA) na EMEF Profª Eliza Rachel de Queiroz representou uma iniciativa significativa no sentido de alinhar a prática pedagógica às demandas concretas da comunidade escolar, marcada por diversidade cultural, desafios socioeconômicos e histórico de exclusão educacional.

Ao longo dos três encontros, ficou evidente que a abordagem integrada de palestras e atividades culturais é capaz de mobilizar e engajar os estudantes de forma mais ampla e significativa. A palestra sobre diversidade linguística proporcionou aos educandos a compreensão de que sua forma de falar é parte de sua identidade, ao mesmo tempo em que abriu caminhos para a apropriação crítica da norma padrão. A discussão sobre diversidade e gênero promoveu um espaço de escuta e diálogo, permitindo que experiências pessoais fossem compartilhadas e que preconceitos fossem problematizados. Por fim, a intervenção artística, com a peça A cidade das máquinas, ampliou a reflexão sobre desigualdade social e humanização das relações, alcançando também os participantes que demonstravam menor envolvimento nas atividades teóricas.

Os resultados observados, tais como o aumento do engajamento, a ampliação da reflexão crítica e o fortalecimento de vínculos entre alunos e professores, evidenciam que ações planejadas com base na realidade dos educandos e fundamentadas em princípios inclusivos geram impactos positivos tanto no clima escolar quanto no processo de ensino-aprendizagem. Além disso, a experiência reforça a importância de uma EJA que vá além da transmissão de conteúdos curriculares, assumindo também um papel formador de cidadãos conscientes, críticos e participativos.

A partir dessa experiência, destaca-se a necessidade de continuidade e sistematização de iniciativas dessa natureza. A inclusão da temática da diversidade no planejamento pedagógico anual, a ampliação de parcerias com universidades e grupos culturais e o fortalecimento de metodologias participativas podem contribuir para consolidar e ampliar os avanços obtidos.

Por fim, a Semana de Palestras reafirmou que a escola, enquanto espaço público e democrático, deve assumir a responsabilidade de promover a inclusão social, não apenas como princípio abstrato, mas como prática cotidiana. Ao reconhecer e valorizar a diversidade, a instituição escolar cumpre seu papel de formar sujeitos ativos e engajados na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, confirmando que educação e cidadania são indissociáveis.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzáles. Ofício de mestre: imagens e autoimagens. Petrópolis: Vozes, 2006.

BAGNO, Marcos. Preconceito linguístico: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2002.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e ba-

ses da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis: Vozes, 2011.

DUARTE, Newton. A individualidade para si: contribuição a uma teoria histórico-crítica da formação do indivíduo. Campinas: Autores Associados, 2001.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. Educação de jovens e adultos: o campo e seus desafios. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 14, p. 7-20, maio/ago. 2000.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: MEC/UNESCO, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 2003.